

JOSÉ JAMBO DA COSTA

POESIAS

EDITÔRA

Cia. Brasileira de Artes Gráficas

1957

JOSÉ JAMBO DA COSTA

POESIAS

EDITÔRA
Cia. Brasileira de Artes Gráficas
1957

I N M E M O R I A N

Aos pais do poeta,

IRENO JOSÉ DA COSTA

e

VICENCIA JAMBO DA COSTA (BRANCA)

ELOGIO DA VIDA

(A. A. Pimenta de Moraes)

Bendita seja a vida, por tudo quanto encerra,
Por tudo quanto seu ventre fértil concebeu...
Por êste céu, estas árvores, os pássaros, a terra,
Este sol que saltou por minha janela, mal hoje
[amanheceu!

Por êste delírio das crianças que passam inquietas,
Pelos jardins abertos da cidade — que são teus quando
[quiseres! —
Pelas ruas ébrias de sons, de perfumes e da voz livre
[e encantada dos Poetas,
E da beleza sempre nova e fresca das mulheres!

Bendita seja a vida,
Mil vêzes bendita,
Pela menina ingênua que murmura, à noite, sua prece,
[comovida,
E por aquela cuja bôca aflita
Nunca rezou nem rezaria,
Mas que, na febre de tantos desejos,
Suplica, chora e, na sombra cúmplice e macia,
Segreda todo um rosário diabólico de beijos
E deliciosas bruxarias!

Bendita seja a vida
Pelas dores e alegrias...

Pela rama que pende para a estrada, reflorida,
Pelos espinhos, que nos tornam cautelosos,
Pelas manhãs que rompem como um grito profundo,
E os rios faiscantes e caudalosos,
E as lágrimas dos maus e os risos dos bons, neste
[mundo!

Bendita seja a vida, mil vezes bendita,
Por tudo que não tive e pelo muito que me deu...
A ela devo esta ventura infinita,
Que ninguém concebe nem nunca concebeu,
— A ventura de te amar e de seres bonita!

Bendita seja a vida, bendita seja,
Pela bôca úmida e quente que me beija,
Por essas manhãs esplêndidas de luz,
Pelas cigarras tagarelas sóltas no ar,
Pelos lagos que refletem êste céu em seus espelhos azuis,
Por êste coração que sabe, com o mesmo riso, sofrer
[e amar!

Bendita seja a vida em todos os momentos!
Dela me veio esta alma vária e inquieta,
— Livre como os raios e os ventos,
Ou os próprios pensamentos
Que roçam, doudos, meu cérebro de Poeta!

Bendita seja a vida, sempre e ainda,
Pelo amor — essa quimera,
Que, por ser mentira — é sempre linda,
E sabe a côr, a sangue, a primavera!
Amor que me tem sido riso e tortura,
Qualquer cousa que não chego a compreender,
Mas que adoro com extremos de ternura
E tôda a impetuosidade do meu ser!

MINHA ALEGRIA

Alegria! Alegria! Alegria!
Ânsia de me soltar no ar
Como a poeira, a nuvem fugidia,
As fôlhas — a bailar... a bailar!

Beijar a terra dos caminhos,
Beber, na relva, as gotas de orvalho,
Balançar-me nos balanços dos ninhos,
Voar com os pássaros de galho em galho!

Alegria! Vontade de ser fera
E, livre, dar-me todo ao amor!
E abraçado ao seu corpo, como à parede a hera,
Incender o seu sangue, com volúpia e calor!

Alegria de ser tudo e não ser nada!
De desejar, sempre, sem, jámais, colhêr!
Alegria sem causa, imotivada,
Mas que transborda do meu ser!

Angústia de buscar o que se afasta,
— O que nunca se há-de revelar!
Alegria de beijar a boca, ingênua e casta,
Para gozar-lhe a tortura de pecar!

Alegria! Alegria! Alegria!
Alegria que eu sinto sem saber porquê!
Alegria de ter a alma vasia
Para enchê-la... enchê-la de Você!

IMORTAL

E o tempo corre, Amor, o tempo é breve
E vai mudando tudo de repente!
O que era frio vai ficando ardente
E o que era ardente vai rolando em neve.

Talvez a própria mão, que ora te escreve,
Pare, amanhã, gelada e indiferente,
E o coração que pulsa em ti, fremente,
Morra de vez ou pulse, então, de leve.

Tudo é possível, vês, nesta corrida.
Em pó também se faz o tronco forte
E a própria pedra pode ser ferida.

— Que importa! O nosso amor zomba da sorte,
Pois, sendo estreito o círculo da vida,
Ele há-de ter um novo céu na morte.

M O M E N T O A B S O L U T O

Mar e céu. Gôsto de vida.
Uma aurora em cada olhar.
Tua bôca enfebrecida.
Mar e céu. Gôsto de vida.
A vertigem de te amar!

Vamos juntos pela praia.
Onde está teu pensamento?
Baila ao vento tua saia.
Vamos juntos pela praia.
A vida é êste momento!

CONVITE AO AMOR

Pode vir. Não tema a noite
Nem as trevas sóbre o mar!
Vibre o vento o seu açoite.
Pode vir. Não tema a noite.
Trago o dia em meu olhar!

A tristeza desespera.
Feche os olhos. Venha amar!
Todo amor é primavera.
A tristeza desespera.
Trago o dia em meu olhar!

T E R N U R A

Fechei em meus braços a sombra do teu corpo
E pedi aos céus que me fizessem de alma pura,
Queria dar-te o que nunca tive na vida:
Um pouco de bondade num gesto franco de ternura.

NOTURNO DO AMOR E DO MAR

Abre a mão. Fecha teus olhos.
Esta é a noite frente ao mar.
Ah, meus íntimos refolhos!
Abre a mão. Fecha teus olhos.
Cega é que deves me amar.

Fecha a mão. Abre teus olhos.
Goza o encanto dêste luar.
Ah, teus íntimos refolhos!
Fecha a mão. Abre teus olhos.
Esta é a noite frente ao mar!

C O N T R A S T E

Um dia, em tua casa — ainda me lembro! —
Fomos ter ao jardim.
Rosas mui brancas, rosas de setembro,
Riam da tarde ao fim!

Tu eras tão menina! Eu menino era...
Mas, sem sabermos como,
Colhi minha primeira azul quimera
E tu, do amor, o pomo.

Um riso... uma promessa... um ai... um beijo
Leve como uma pluma!
Depois, vidas que morrem num desejo
Que fere e que perfuma.

Como lembrança dêsse idílio puro,
Gravaste, com rubor,
No velho abacateiro, junto ao muro,
Esta palavra — Amor.

Mas o tempo correu. Com êle, a vida.
Certa noite, à janela,
Vi-te, chorando, ao longe, de partida.
Moça eras e mais bela!

Hoje, ali voltei. Dez anos em fugas!
Tudo igual: casa... muro...
Apenas eu mudei — o rosto em rugas...
— Um homem sem futuro!

Mas, contraste maior e maior dor
Senti ao ver, ao lado,
O abacateiro onde escreveste — Amor,
Víride, alto, copado!

Mágua das máguas, ver que o estranho mal
Que me abateu assim,
É o mesmo que dá vida ao vegetal
Do teu velho jardim.

R O S A - E S P I N H O

Ela era linda e vaidosa.
Deu-me a escolher um caminho.
Prefezi o aberto em rosa...
Ah, cada rosa, um espinho!

R I S O - L Á G R I M A

Que ria... ria... ria...
Pouco importa!
Ela não é mais como a sonhei
Nem como a sonharia
Se, acaso, entrasse a minha porta.

Que ria... ria... ria!
Gosto de vê-la
Assim!
Adorar a indiferença de uma estréla
Foi, sempre, tudo para mim.

Que ria, tanto, tanto,
Que não senta mais qualquer desgôsto,
Para que, nunca, ninguém veja o pranto
Que rola entre risos no seu rosto.

NOTURNO PARA ME ESQUECEREM

Quem eu sou? Em vão procuro!
Quem eu sou, por que saber?
Sou um barco em cais escuro...
Não procure meu futuro,
É mais fácil me esquecer!

Sou o mar, sou grão de poeira,
Sou tudo sem nada ser!
E se, hoje, a amo a tarde inteira,
Amanhã, tudo é canseira.
É mais fácil me esquecer.

F A T A L

Nada mais. Podes ir. Tudo acabado.
O destino assim quis... Por que torcer?
O amor é sempre igual quando provado,
E, dêste amor, que nos faltou viver?

O que passou, passou. Fica de lado.
Busquemos noutra bôca igual prazer.
Na vida, apenas vale o irrevelado,
Isto que já não sinto em teu querer!

Somos dois irmãos quando frente a frente.
Entanto, não te nego um todo atraente,
Mas que já não consegue a mim falar.

Não te sintas, porém, diminuida,
É lei do homem ou antes lei da vida
Buscar-se um bem que não se há-de alcançar.

O F E R E N D A

(A Affonso Jambo da Fonseca)

Hoje, sinto-me feliz! É estranha essa mudança,
Mas há dias assim,
Em que tenho alma de criança
E o coração como um jardim!

Hoje, eu queria ser um potro selvagem
A rinchar e a correr,
Para dar ao homem triste, sem coragem,
Um pouco dessa alegria bruta de viver!

Queria entregar-me qual a chuva, torrencialmente,
Poder espargir-me no ar,
Para, forte e ardente,
Dizer ao mundo como é bom — Amar!

Ou ser a semente à terra deitada
Pela mão calosa do lavrador,
Para, amanhã, árvore copada,
Rebentar-me em flor!

Ah, poder dar sempre, dar, pròdigamente,
Sem jàmais colhêr,
Ser como a água, límpida e corrente,
Onde a bôca sedenta vem beber.

C A R I N H O T R I S T E

Aquêle carinho triste
Que eu não cheguei a te dar,
Aquêle carinho triste
Seria a tua alegria,
A festa do teu olhar.

Aquêle carinho triste
Que nunca viste chegar,
Aquêle carinho triste
Morreu com a chama da vela
Ao ver-te junto ao altar.

Aquêle carinho triste,
Essência de flor ou luar,
Aquêle carinho triste
Devia morrer no meio
Para não te profanar.

Aquêle carinho triste,
Quem o pode adivinhar?
Aquêle carinho triste,
Triste da triste alegria
Que ao mundo tento ocultar.

Aquêle carinho triste
Não o busques desvendar.
Aquêle carinho triste
Tem o amargo das raízes
No dôce do teu olhar!

Aquêle carinho triste
Tentas, agora, buscar!
Aquêle carinho triste,
Hoje, de flores, espinho...
Amor, por que recordar?

Aquêle carinho triste
Deve morrer... Acabar!

D A V I D A P A R A A V I D A

Quando tudo te fugir das mãos:
Dinheiro, mulheres, ilusões, beleza...
Não maldigas teus esforços vãos
Nem te entregues à tristeza!

Vê que ainda te fica a água fresca da serra,
Ficam as flores sobre os barrancos das estradas,
As festas das manhãs, os trigais voltados sobre a terra,
A noite a abrir-se em luz no riso das alvoradas!

Fica a frescura dos frutos sumarentos pelos galhos,
A maciez da grama pelos montes e baixadas,
Ficam os rebanhos que são o calor dos teus agasalhos...

Ficam o céu, os jardins públicos, as cidades,
A alegria da luz elétrica sobre o asfalto molhado e sobre
[o mar,
O vulto provocante da mulher que passa e das que são
[apenas saudades,
Fica tudo que sente tua alma e vê teu enamorado olhar!

Bendize antes a sorte que te deu o gôzo de tôdas as
[liberdades,
O milagre do sonho e a ventura de amar!

P A S T O R A L N.^o 1

(A Carzina Moura)

— Maria, tu vais à serra?
— Se Deus quiser, meu Senhor!
— Que tanto fazes na serra?
— Guardo cabras... colho flor...
— Por que não guardas amores
Em vez de cabras e flor?
— As cabras a gente guarda,
Mas ninguém guarda um amor!

P A S T O R A L N.^o 5

— Bom dia, Senhor Vigário!
— Deus salve essa linda flor...
Que quer do padre Lotário?
— Queixar-me a Deus, sem temor,
Não vê, “seo” padre, que o Zé,
Quando eu vinha pra capela,
Me beijou, sem eu dar fé,
Ali, junto da cancela!
— Vá, filha, em paz.

Alma louca,
Em quem é assim tão bela,
Em lábios de tanta côr,
Um beijo mesmo na bôca
Não é pecado, é amor!

P A S T O R A L N.^o 30

Encontro-a adormecida
À sombra do tapinhuã,
Seio arfante, olhos sem vida,
Faces da côr da manhã.

Assim tão calma, serena,
Sobre a relva adormecida,
Parece fôlha morena
De uma árvore desprendida.

CAMPESINA

Corres pelos pastos,
De capim verde, molhados
Pelo orvalho da manhã...
Teus cabelos, compridos e bastos,
São pelo vento destrançados
Dando-te algo de uma deusa pagã!

Vou em teu encalço,
Em carreira louca,
Vendo, cada vez mais perto, teu pé descalço!
Apândo-te, afinal.
Páras ofegante. Abràço-te. Beijo-te a bôca,
Fresca e sensual!
— Que gôsto estranho de frutas bravias!
E que cheiro forte de mato e suor
Se desprende de tuas carnes sadias
E quentes de amor!

Cheiras tanto! tanto!
Que temo até que te abras em flor!

FESTA TROPICAL

Trago os olhos transbordantes de beleza!
Já não vejo tua pele assetinada e trigueira
Nem tua bôca sumarenta como um fruto tropical.
Minha alma, neste momento, é o espelho da natureza.
Circula em meu sangue a seiva bruta da terra brasileira
E explodem, ante meus olhos, relâmpagos de luz em
[superfícies de metal!]

Sinto raízes de árvores enroscando-se dentro em mim
E ouço ainda e vejo o tropel violento das cachoeiras,
Na mata sem fim,
Espedaçando-se em milhões de vidrilhos e cristais
Que rolam através das gargantas negras das pedreiras
E se apagam, longe, entre as garras vegetais!
É a natureza devorando a natureza
Em gritos de amor, em abraços sensuais!

Eu trago os olhos transbordantes de beleza!

DO "EVANGELHO DE SATHA"

I

Açoitaste meu cão fiel e amigo
Porque investiu contra uma mulher.
Que, amanhã, ela mesma não te açoite
Por motivo qualquer!

II

Teu servilismo, Homem,
Traz-me saliva à bôca...

Teus rastejos me consomem
A alma febril e louca.

Não te mostro a figueira, à luz da tarde,
Porque és covarde!

III

Ama as mulheres enquanto és moço e forte,
Mas sem nunca pedir-lhes devoção,
Para que não finjam, à tua morte,
Um chôro sem consolação.

IV

Cultua os mortos. A êles, tua veneração.
Mesmo aos que foram teus inimigos
Não negues uma lágrima de perdão.
— Que êles são os únicos amigos
Que, jámais, te trairão.

V

Não ames. Olha esta flor
De jasmimeiro.
Toca-a. Vê, mudou de côr!
Também, ao toque primeiro,
Múda-se o amor.

VI

Aceita a vida sem crer nessas sandices
De encarnações futuras ou passadas...
— A vida é êsse nada a repetir-se em novos nadas.

VII

Ao homem prefere sempre o cão,
— Que êste nunca te morderá no coração.

VIII

Não te rias das perdidas
Porque nunca usaram véu.
Elas vieram dessas vidas
De esplendor e lumaréu.

— Olha, nas poças das ruas
É que se reflete o céu.

INCOMPREENSÍVEL

Tuas mãos estavam caídas sobre o peito
Como dois lírios entrelaçados...
— E, ainda, trouxeram mais flores!



RIVAS

Fomos olhar, à tarde, o teu jardim.
De repente, entre as folhagens,
Segurei tuas mãos
Pensando que eram duas borboletas!



LOGICA

Partiste calma, bela e pura,
Como a neblina azul da primavera.
— Por que lamentações?

SEN TIMENTALISMO

Nunca mais pude olhar o orvalho
Depois que vi tuas lágrimas.

IN V E J A

Ontem, mesmo sem ver-te,
Já sabia que te aproximavas...
Tuas amigas, invejosas,
Cochichavam no portão.

VA I D A D E

Queria dar-te minha boca,
Ela, entanto, é impura demais...
Queria dar-te minha mão,
Ela, entanto, é impura demais...
Queria dar-te minha vida,
Mas temo humilhar-te demais!

EST Á V A M O S N O O U T O N O

Através da vidraça,
Olhávamos o outono
Nas árvores sem fôlhas...
Sem querer, entreolhámo-nos
Quase em lágrimas.

S I L Ê N C I O Q U E F A L A

Se eu te encontrasse, amada,
Nada te diria.
Apenas, no fundo dos teus olhos,
Olharia... olharia!

E L A

O céu, o mar, as árvores, as fontes
Morreram.
— Dormes numa sepultura.

A PEQUENINA VERDADE

As mulheres são como as rosas...
Mas como ferem os espinhos!

PUDOR

Mandei-lhe flores,
Ela sorriu...
Mandei-lhe perfumes,
Ela corou.

MÊDO

Saímos para a varanda.
A primavera vestia de branco
No rosal do teu jardim.
— Não pude mais, fugi.

A UMA CHINESA

Gravei numa pétala branca de rosa
Um poema,
Mas penso em enviar-to,
— Pode pesar-te às mãos!

CANÇÃO DE AMOR

Teu olhar
Lembra um vaso azul de Ni-Ging;
Tuas mãos,
Duas fôlhas leves de chá;
Teu sorriso
É um triste lótus entreaberto;
Tua bôca,
Uma taça fina de Hue-Tché;
Já teu corpo...
— Senhora, não sei escrever!

TUAS MÃOS E AS FLORES

Hoje, sem querer, olhei-te as mãos.
Agora comprehendo
Porque existem as flores.

ANGÚSTIA

Nunca vi o outono sem lágrimas...
É tão triste o esfolhar das rosas!
— Não é a tua alma uma rosa?

■

ROMPIMENTO

O quarto está deserto e, sobre a mesa,
Um retrato rasgado.
Junto à janela de bambu,
Contemplo, com tristeza,
As águas do Yu-Su...

E vejo tudo parado... parado.

■

ESFORÇO INÚTIL

É tão belo o canto dos pássaros!
Mas, perde-se na mata
Sem ninguém o escutar.
— Poeta, por que ainda escreves?

A LIÇÃO DA POÇA DÁGUA

Vi, no fundo de uma poça dágua,
Mil estrélas!

— Por que não sondar as almas?

■

POEMA AZUL

Morreste tão pura e bela!
Agora, comprehendo
Por que as noites são azuis.

CANÇÃO DA VIDA

Se a fortuna se afastar de tua mão,
Caprichosamente,
Não deixes que a máqua turve o cristal de teu coração,
No futuro ou no presente...
Antes olha tua sorte, arrogante qual um dragão,
Que ela — quem sabe? — mente!

Se teu melhor amigo te trair,
Não sondes a razão porque o fêz.
Outros amigos saberão aquêle amigo punir,
Outros amigos, talvez.

Se aquela a quem entregaste todo o teu amor
Trocá o teu carinho puro por dinheiro,
Não te agites num gesto inútil de rancor.
Talvez não sejas dos vendidos o primeiro!

Se tiveres um filho, a quem ames com loucura,
Que seja a única razão do teu viver,
Não chores se, em troca de tua ternura,
Ele te der, indiferente, a beber
O cálice de amargura...
— Maior mal fizeste a êle dando-lhe o ser.

Se tudo mentiu em teu viver infecundo
Deixando tua esperança destruída,
Pelo muito que, ainda, és feliz,
Ergue os braços aos céus, num louvor profundo,
E bendize, de alma sã e reflorida,
A ventura de ter o maior bem do mundo
— A VIDA.

C A N Ç A O 14

Minha mão é meu comêço,
O final é o coração.
Tôda vida tem seu preço.
O da minha eu não mereço,
Desengano e frustração.

Ontem, fui. Hoje, não sou.
Não que eu tenha regredido!
O mundo não me aceitou.
Sou um homem que passou.
Por que dar-te meu gemido?

CANÇÃO DAS ROSAS

Para a angústia dos meus dias,
Não vos peço mais, Senhor,
Que rosas brancas e frias.
Para a angústia dos meus dias,
Dai-me um chão aberto em flor!

Que eu sofra, Deus, pouco importa!
Não há chagas dolorosas
Nem miséria em nossa porta
Quando vemos rosas, rosas!

NOTURNO DO MAR

O mar é o meu caminho,
— Sempre a noite sobre o mar! —
Quem me chama? Vou sózinho.
O mar é o meu caminho.
Não me sigas! Sou o mar.

Desconheço o chão, a terra.
Amo o céu, as águas, o ar!
Eu sou livre, minha alma erra.
Desconheço o chão, a terra...
Não me sigas! Sou o mar.

A O D E S T I N O

Desfolhaste meu sonho de ventura
No pleno ardor da minha mocidade!

Mataste em minha alma, lirial e pura,
A crença que era paz, felicidade.

Levaste tudo: amor, carinho, pranto
E a volúpia da carne enfebrecida!

Não comprehendo, entretanto,
Por que fica esquecida
Esta inutilidade
— A VIDA!

NOTURNO DA VOZ PERDIDA

Negra noite. Olho teus olhos.
Vejo as trevas e ouço o mar.
Na sala, cravos aos molhos.
Negra noite. Olho teus olhos.
Quem me chama a soluçar?

Corro à praia. Quero a noite.
Por que tardei tanto a vir?
Quem sofre neste tresnoite?
Corro à praia. Quero a noite.
Verde mar, vamos partir!

A REVELAÇÃO DO ESPÉLHO

Estranho, o gesto meu!
Diante do espêlho do meu quarto,
Com êsse ar tedioso e farto
De quem muito viveu,
Perguntei a mim mesmo, esta manhã:
— Quem és? Monstro, homem ou satã?
Tens um olhar de louco, de suicida...
A alma de Maupassant está nêle refletida,
Nessa chama acesa de insânia!
De onde vens? De que vida subterrânea?
Que queres neste mundo bruto e insensível?
Não vês que teu sonho é inatingível?
Corta com uma bala o teu segredo...
Foge de mim! Causas-me mêsdo!

E, num impeto do meu desvario,
Parti, em mil pedaços, o espelho frio
Que teimava em refletir no seu cristal polido
A máscara de dor do meu mais íntimo gemido.
Ironia cruel! Para maior desgôsto,
Vi, multiplicado, pelo chão, meu rosto,
A rir, a rir, em gargalhadas loucas,
E senti-me a rolar no delírio dessas bôcas!
— Ria comigo o mundo inteiro,
No doido carnaval do meu riso derradeiro!
E eu ri, ri, ri... Ri tanto
Que assomou a meus olhos copioso pranto!

C A N Ç A O M A R E I R A

Não me prendas em teus braços,
Sou vagabundo e amo o mar!
Cheiro a sal, alga e sargaços.
Não me prendas em teus braços,
O meu barco vai largar!

Queima o sol nas minhas veias,
Sopram vendavais em mim.
Verde é o mar, branca as areias...
Queima o sol nas minhas veias.
Ao mar largo! Adeus! É o fim.

A HORRENDA VISÃO

Quero cerrar os olhos, que êles não se abram jámais,
Que eu vi de Quasímodo a multiplicação,
Vi o corvo de Poe grasnando: Nunca mais!
E o "Pátio dos Milagres" — a sombria visão!
Vi a sombra da noite sobre a terra caída,
Vi o túmulo eterno — A VIDA.

M E U P U N H A L

Ah, meu punhal de prata,
Que amo de fundo amor,
Tens a medida exata
Da dor!

Quantas vêzes, sózinho
E langue,
Deixo o meu próprio sangue
Cobrir-te o aço feral.

Pudesse, meu punhal,
Com tua fôlha forte,
Afogar o meu mal
Na morte!

Ver-te a lâmina, fina
E assassina,
Cravada, a êsmo,
Em mim
Mesmo!

Seria assim:
Num dia lindo,
Sem uma explicação,
Tendo-te firme à mão,

Iria, pouco a pouco,
Como um louco
Sorrindo,
Abrindo... abrindo... abrindo...
Meu peito
Até o coração.

Ah, meu punhal de prata,
Que amo de fundo amor,
Tens a medida exata
Da dor!

D E S E S P È R O

Menino Jesus,
Menino Jesus,
Verte teu sangue
Na minha cruz.
Tu que és perfeito,
Tu que és puro,
Semeia rosas
No meu futuro.
Estou cansado
De tanta lida,
Dá-me outra alma,
Dá-me outra vida.

NOTURNO DO CONDOR PERDIDO

Estou só. Onde o caminho?
Dorme a noite sobre o mar.
Bebi trevas no meu vinho.
Estou só. Onde o caminho?
Vejo apenas teu olhar.

Quero estrada, encontro espinho.
Grito e o abismo ainda é mais fundo.
Ergo as mãos. Estou sózinho.
Quero estrada, encontro espinho.
— Perdi-me, não sei, no mundo!

A OUTRA METADE

Do homem que nunca fui,
Do homem que posso ser,
Prefiro a metade exata:
Morrer.

NOTURNO DA ESPERA FATAL

Vem da noite êste gemido.
Da noite ou está em mim?
Quem chora o sonho perdido?
Vem da noite êste gemido.
É tão triste todo fim!

Vou. Alguém no mar me espera.
Ainda estão a me chamar!
Eu sabia. É primavera!
Vou. Alguém no mar me espera.
Belo é ir! Nunca, voltar.

C L A R O D E L U N A

(A Branca Costa D'Alinecourt)

Levantei-me e abri a janela,
Tão claro estava o céu, para ver o luar.
E pensei: Não há cousa mais bela
Que a lua, atrás da serra, a despontar!

Mas, ao voltar-me, vi, junto ao oratório, ajoelhada,
Minha Mãe, de olhos erguidos, orando contrita,
Tão serena, tão pura, tão bela, quase eterisada,
Que, prontamente, repus: Minha Mãe é mais bonita.

AS LÁGRIMAS DA MORTA

(Em memória de Ernestina Maria da Costa
e Raul Cesário da Costa)

As palavras dormiram em tua garganta.
Em tuas pupilas azuis,
A noite fêz-se eterna
Na cristalização da luz.

Choravam em tórno. Entanto,
Em teus olhos parados,
Não havia sequer uma gôta de pranto!
Mas, tuas mãos, cruzadas sobre o peito,
— Mãos que lembravam um prolongamento de tua
[alma —
Eram duas lágrimas
Naquela tarde calma.

C O S B O D E L U T O

Quando tomaram o caixão dourado,
Disseram muitos: "Como está pesado!"

E prosseguiram rumo ao cemitério
Sem pensarem na causa do mistério.

Eu sabia por que pesava tanto
De minha Mãe o corpo branco e etéreo:
Ele levava o peso do meu pranto.

NOTURNO DA MORTA

Vejo no espelho meu rosto
E uma sombra por detrás.
Ronda o vento mau de agosto,
Vai gemendo: Nunca mais!

Fora, a noite, o mar, o vento.
Junto ao espelho, a sombra e eu.
Ouço vozes em lamento.
Fora, a noite, o mar, o vento.
Ante o espelho, quem morreu?

N O T U R N O 24

(A Nadyr da Costa Côrtes)

A noite nunca é a noite.
A noite é teus olhos mortos
Que me dóem como açoite,
E vão por mares sem portos!
A noite é tuas mãos frias,
Brancas de fazer chorar!
São tuas formas esguias
Que não poderei mirar.
A noite é a noite triste,
Essa que não alvorece,
Sombra de tudo que existe...
A morta que não se esquece.

A SÁBIA RESPOSTA DE MEU PAI

(A meus irmãos)

Num claro amanhecer, na serra,
Ante o céu tão lindo,
Perguntei a meu Pai — que tôda a perfeição encerra:
— Que é a bondade?
Ele, sorrindo,
Me mostrou a terra.

MÃOS SAGRADAS

(A Adolfo Berro García)

Envergonho-me da pena que trago entre os dedos
O dia todo, de alma incendida,
Depois que vi o homem do maior dos segredos,
O que traz nas mãos a própria vida,
— O enxadeiro,
Cavar a terra, semeá-la sem canseira,
O dia inteiro,
E, hoje, mirar um farrapo da terra brasileira,
Mais verde de árvores, belas e floridas,
Pelo milagre de mãos tão rudes e encardidas.

P E R D Ã O , M E U P A I

Há pouco escrevia um poema cheio de alegria,
Um poema todo sol, côr e luz,
Em que falava de ti, do nosso amor e dessa magia
Que ronda o céu pelas noites de maio tão azuis!

De repente, quebrei a pena contra o papel
E minhas mãos se crisparam num gesto de maldição!
É que me lembrei das crianças que ao invés de leite
[mamam fel
E das meninas que a fome arrastou à prostituição.
Recordei-me daquelas mãos calosas dos seres sem nome
Que lutam contra a terra no desbravo do sertão,
Daqueles que nos dão a fartura e morrem de fome
E pagam nosso roubo com o ouro do coração.
Aquêles que só sabem que viver é trabalhar
Enquanto há sol no céu e, muita vez, à luz da lua,
Para que sua família, doente e sem ter lar,
Se acabe, por aí, amanhã, descalça e nua.

E estranho remorso escraviza meu sonho,
— Sonho de ouro e azul na manhã de plena luz!
Se tanta gente sofre, por que hei-de ser risonho,
Por que falar de liberdade, quando outros morrem à cruz?
Sim, meu Pai, eu seria indigno do teu nome,
Indigno de ti, que me ensinaste o culto das plantas e
[do chão,
Se cantasse a ventura quando teu povo morre de fome,
Jungido ao cabo de uma enxada como à corrente o cão.

— Pela própria ilusão de há pouco, que é dor que me
[consome,
De joelhos em terra, meu Pai, eu te peço perdão.

O G R I T O N A N O I T E

Mordi os lábios para não explodir num grito
Ante a revelação
Que o tato me trouxe do ventre aflito
Daquela mulher pobre, deitada no chão.

Tremi de revolta e piedade.
Era de mais tanta maldade!

Contorcia-se naquela entranya enfraquecida,
A gerar, em ânsia atroz,
Uma vida.
Tremia naquelas artérias a funda voz
De um novo ser.
Senti penetrar-me a carne seu grito cortante
De naufrago a morrer
No pélago hiante.

Sua mensagem vinha molhada de sangue
De dois seres encarcerados num frágil ser...
E era apagada, distante,
Langue,
E dolorosamente contraída
Numa palavra profundamente vulgar, mas incompre-
[endida:
Viver!

LEGENDA NOTURNA

(A memória de João Nery, apóstolo da medicina)

Se há, espalhadas, pela natureza,
Tanta luz, tanta côr e beleza,
Tanta flor a brotar, em cada canto, do chão,
E fontes a cantar por serras e grotão,
Tantas estrélas pelos céus escampos
E outras, pelas moutas, na luz dos pirilampos;
Se há festas de asas pelo espaço, sôbre os lagos,
E o orvalho, à luz do sol, são diamantes pressagos;
Se há rendas tão sutis nas teias das aranhas
E linhas sensuais nas curvas das montanhas,
E as penas dos pássaros são gritos de côres
Perdidos entre os galhos das árvores em flores;
Se há balanços nas ramas dos cipós, do alto pendidos,
E um abrigo bom nos largos troncos fendidos;
Se há crepúsculos e manhãs de encantar até os brutos,
E o mar aberto em espuma contra os penedos hirsutos,
E velas brancas, em fugas, pela a imensidão equórea,
E casarões sombrios de fantástica história;

Se há a arte dos homens, nos teatros e cinemas,
Que desperta em cada ser emoções extremas,
E avenidas, navios, aviões, automóveis, bicicletas,
— O espetáculo da energia e da saúde dos atletas!
Se há vitrinas de brinquedos, bonecas como crianças,
— Ilusões que acendem em nós vida e esperanças!
Se há pinturas célebres, esculturas, obras ilustradas,
Que deixam os homens de almas extasiadas,
E mulheres bonitas, jardins, parques infantis,
Tanta cousa capaz de fazer alguém feliz;
E tudo isso nos chega pelo milagre das pupilas,
No recesso do lar ou pelas ruas intranquillas,
Transformando em rosas os espinhos das refregas...
— Por que, então, Senhor, nascem meninas cegas?

O ENTERRAMENTO

A morte, em minha terra, é diferente,
Traz alegria de vida
Para tôda a gente!

Quando morre alguém,
Correm pessoas conhecidas
E desconhecidas
À casa do morto. É um vai-e-vem
Estranho, singular!
— “Olá, cumade Maroca! Pensei qui ocê
Num vinha! Tava cansada d'isperá”
— “Uái! Pruquê?”
— “Veja só quem evem chegando:
O Juão Piquinino mais cumpade Sizenando!”

Silêncio. O enterramento vai sair. Pelo caminho,
Parte o caixão, sempre pobre, de pinho,
Mas com um acompanhamento festivo!
Parece até que quem vai dentro d'ele está vivo
Ou que se assiste a uma festa de noivado!
Seguem-no meninas vestidas de encarnado,
Com flores amarelas

Na mão...

E, ao passar pelo arraial, correm para as janelas
Mulheres e crianças, numa alegre confusão!

E prossegue assim o enterrro, festivamente,
Até a última guarida.

A morte, em minha terra, é diferente,
Traz alegria de vida!

HISTÓRIA AMARGA

“Então, meu filho,
Queres muita benção
E pouco dinheiro,
Ou muito dinheiro
E pouca benção?”

— Muita benção, meu Pai.

“Aí tens, meu filho... Vai!”

Parti. Andei pelo mundo. Sofri.

Para redimir minha tristeza
Voltei, depois, ao ponto de partida.
Meu Pai dormia, entre velas, sobre uma mesa.

Tive, então, pouca benção e muito dinheiro,
— As moedas falsas da vida!

ELEGIA DO POETA PROVINCIANO

Nesta plúmbea tarde de domingo provinciano,
Sinto prazer no meu próprio desengano.

Tenho vontade de rir e de cantar
Como, também, anseios de chorar!

Recordo cousas tristes, mas belas:
Minha infância de ambições singelas.

Nossa casa era branca. A rua quieta.
(Creio que foi por isso que me fiz Poeta).

Ali, à noite (Tempo feliz, aonde vais?)
Quanta vez ouvi conselhos de meus pais!

E, à indagação do que ser pretendia,
— Doutor! — a todos, ufano, eu respondia.

Certa vez, muito mais tarde, Ela, também — ainda me
[lembro! —
Foi ver-me, ali, nas férias de dezembro.

Era loura, de olhos, não sei, se azuis, verdes ou cincos...
[zentos...]

— Sei, apenas, que tinha a côr dos meus tormentos!

Na minha ingenuidade de menino, cheguei a amá-la,
E seu vulto evoquei, muita vez, naquela sala!

Hoje, talvez, ao ler-me, Ela pergunte em paz:
— A quem terá amado assim êsse rapaz?

Sem poder sequer, um instante, supor
Que Ela foi — quem sabe? — o meu primeiro amor!

Nesta plúmbea tarde de domingo provinciano,
Sinto prazer no meu próprio desengano.

Lembro o Grupo Escolar, numa casa de esquina
Da rua do Marechal Floriano,
Mas que todos conheciam apenas por Escola de D. Venina.
E a professora, moça de pequena estatura,
De lábios sensuais e linda dentadura,
Que me parecera à alma tímida e assustada,
Na primeira aula, um monstro quase de tão fria!
Mas que, depois, amei como a uma namorada:
Nair da Silva Iguassu. Um dia,
Se enforcou na bandeira da porta,
E eu, que tanto a queria,
Não sei por que, tive medo de vê-la morta!

E meus colegas de classe, meninas e meninos,
— Onde andarão? Quais foram seus destinos?
Carlos, Nelson, Otacílio, Heraldo, Romário,
Margarida, Hermínia, Maria,
Iara...

Certamente, andam por êsse mundo vário,
Entre dores e alegria,

Ao leo da sorte avara.

Alguns serão doutores, serão!

Outros, contudo, mais felizes,
Serão comerciantes, homens de ação,
Sem guardarem, no peito, cicatrizes.
Maria terá casado?

E Margarida será professora?

Iara, com seu nome cheio de pecado
E sua face sedutora,

Faz-me pensar na sua vida...

Hermínia, a de alma singela

E voz sentida,

Com sua letra bela,

Deve ser contadora!

E todos, todos, tenho certeza, vão muito bem!

Apenas eu permaneci sózinho,

Sem ninguém,

Na noite imensa do caminho.

Contudo, feliz no meu desengano

De pássaro sem ninho...

— Eu sou um Poeta provinciano.

VELHA CRÔNICA DE NOVA IGUASSU

(A meus sobrinhos)

Nova Iguassu morreu com a minha infância.
O progresso jogou gente e automóveis em suas ruas,
Agitou sua vida de província, que tinha gôsto de
[distância,
E pôs, em suas casas austeras, moças modernas e de
[carnes nuas.

Onde aquela familiaridade de pessoas que se conhecem,
E que, sempre, nas calçadas, paravam para conversar?
(Ah, prazeres ingênuos de cidade pequena, que os cora-
[ções aquecem,
Só de lembrá-los, que ânsia muda de chorar!).

Onde as moças conhecidas do meu tempo de menino
Que o meu olhar namorava sem querer?
Certamente, cumprem um belo destino,
Tão belo como suas imagens que ficaram em meu viver!

E as meninas que me amaram e as outras que amei
E vinham buscar-me, em casa, para a “festa familiar de
[última hora”,

Festa que sempre se repetia sob aquêle sélo usado do
[nossa dizer?
Casaram? São felizes? Morreram? Não sei...
Consóla-me lembrá-las, com seu ar infantil, como as
[vi, outrora.

Hoje, poucos se conhecem... Muitas famílias pas-
[saram...
Casas foram derrubadas e surgiram novos edifícios.
Dizem que, assim, a cidade embelezaram!
Mas... também criaram quantos, quantos suplícios!

Já não se ouve o côro, quando a noite vem vindo,
Moças e meninas, na mesma expressão,
Cantando em roda, num sonho tão lindo:

“Nesta rua, nesta rua tem um bosque,
Que se chama, que se chama solidão,
Dentro dêle, dentro dêle mora um anjo,
Que roubou, que roubou meu coração!”

As meninas de agora não têm mais essa ingenuidade,
Preferem namorar, freqüentar clubes, falar em cinema
[e carnaval,
Vivem vida agitada de grande cidade
Em imitação exagerada e ridícula da Capital.

Perderam-se no tempo os passeios, à noitinha, na praça
[do cinema,
As festas de Santo Antônio, com pau-de-sebo, barracas,
[leilão e fogos no último dia...
Os doces da velha Emiliiana, à porta do Cine Verde, num
[baú, gostosos como um poema,
Os pirolitos espetados num pau, o “caderinhê”, o sorvete
[no portão, de mágica alegria!

As figuras populares e os valentes de capa emprestada
Também se foram: Quindimba, Candinho, Russo,
[Chininha...
O piano do Arnolfo na casa de D. Loló, na tarde cansada,
Os laranjais em flor que jogavam ouro na cidadezinha!

Até os jornais, pequenos como a cidade iguassuana,
Rolaram no crepúsculo, para nunca mais:
“Pequenino”, “Oh!”, “Arauto”... (Triste vida humana,
Que seria de ti sem os livros e os jornais?).

E o comércio? É outro, que mente com as vitrinas em
[festa!
Não vejo mais o armazém do Mariano de Moura,
A farmácia do Matos-e-Costa, o botequim do Testa...
(O que vi ou o que outros viram e me disseram, minha
[alma doura).

Os blocos de Carnaval: “Pega-e-deixa”, “Beija-Flor”,
[“Contigo-eu-posso”,
Que abriam rivalidades e discussões entre o povo,
São apenas fantasmas de um mundo provinciano que
[foi nosso,
São apenas velharias, saudosismos, para os que estão
[em Nova Iguassu ainda de novo.

De um lado agrediam com fúria de Molosso:
“Virou casaca, gentil moço convencido,
Porém já dizem que êle está arrependido,
Nós te daremos da laranja o bagaço,
Não gostamos de fitinha, agora: contigo-eu-passo”.

Do outro, vinha o curare humano ou desumano:

“Não conheço um pega-e-deixa
Que não seja carcamano,
Vocês chupam a laranja,
Mas não pagam todo o ano...
Quem é que planta a laranja?
Carcamano, é o povo nosso!
É, por isso, que cantamos,
Agora, contigo... eu... posso!”

Falta o leite gelado na leiteria do Almeida, do Jerônimo
[ou do Abel,
Onde se reuniam amigos em sonhos ingênuos e doces
[confissões,
Cousas que o tempo levou, transformando-as em fel,
Sonhos que a vida trocou por amargas desilusões!

Tudo, tudo morreu... As ruas são outras de tão dife-
[rentes!
Foram calçadas, os nomes de muitas mudaram...
Que é da rua da Cadeia, praça Ministro Seabra (Que
[quase faziam frente)
Rua Iguassu... Os políticos seus nomes trocaram!

Onde está Farid, que atirava pedras nos postes da rua,
Com o pé, com as mãos, de frente, de costas, em qual-
[quer posição,
E sem errar uma, batia palmas, de alma nua,
— Talvez fôsse aquilo a sua grande ilusão!

Ainda viverá aquêle homem alto, magro, circunspecto,
Que alisava uma parede, um poste, uma cousa qualquer,
Fazendo-o, às vêzes, de costas, se alguém o surpreendia
[em seu prazer secreto...
— Será que êle sentia nas couosas algum corpo de
[mulher?

Que é feito daquele mulatinho barbeiro e endomingado,
Que quando se vestia, à tarde, namorava a si mesmo,
Perguntando aos conhecidos que encontrava: “Estou
[alinhado?”
E seguia, no seu auto-namôro, pelas ruas, a êsmo.

E o pintor de paredes que, ao grito: “Pão duro!”
Fazia, nervoso, do alto da escada, aonde estivesse,
Discursos em que misturava governo, prefeito e aquela
[frase que lhe cheirava a monturo...
— Quanta cousa, meu Deus, que a gente não esquece!

Revejo Buck Jones, mulato escuro, de torso forçada-
[mente empinado,
Com um chapéu velho de bico, lenço vermelho, passeando
[seu deleite,
E àquele nome cinematográfico, o ar de homem mau e
[zangado
Desfazia num riso bom, como pedra de açúcar em leite.

Em menos de quinze anos quase tudo isso aconteceu,
Transmutações sobre transmutações sofreu a pequena
[cidade.
Pessoas e couosas mudaram... Apenas não mudei eu,
Pois, ainda paro nas ruas, com olhos vagabundos e dis-
[tantes de saudade!

Nunca pensei que Nova Iguassu fôsse absorvida
Pela febre do progresso, leviano e destruidor,
— Aleijão, Quasimodo da própria vida,
Nero incendiando a paz, o sonho, o amor!

A Nova Iguassu com dois ss, pacata, provinciana, de
[sonhos belos,
Da mono-política de Manoel Reis e das famílias tradi-
[cionais,
Dos Pimentas, dos Jambos, dos Soares, dos Mouras, dos
[Chaves, dos Melos...
Essa Nova Iguassu morreu, não veremos nunca mais!

RUÍNAS DE IGUASSU

(A memória de Hylio D'Alincourt Sabo de Oliveira)

Entre os risos sangrentos da alvorada
E o alvíssimo sudário da neblina,
Repousava a cidade abandonada
Em seu estranho sono de ruína.

Velhos solares, de feição divina,
Morriam junto à rua mal calçada.
Tudo deserto (A glória é peregrina!).
Morrera o fausto, a vida áurea passada.

Onde os tropeiros e o café em carga?
Onde o pôrto de embarque? Onde os brasões?
— Iguassu Velho, a tua história é amarga!

Pois, no mistério atroz dos teus arcanos,
Há tôda uma tragédia de ambições
De cativos, barões e soberanos.

(1936)

C E M I T É R I O D E I G U A S S U

Distante dos escombros denegridos
De antigo seminário derrocado,
Erguem-se os paredões semi-fendidos
De negro cemitério abandonado.

Em suas catacumbas, o passado
Soluça com os entes mais queridos:
Uma irmã que nos quis... um pai amado...
— A vingança mortal dos dias idos!

Em torno, o matagal anseia e cresce.
Nem uma ave, uma flor, um lábio em prece...
Sempre esta mesma paz que desconforta.

E ao vir da noite a triste suavidade,
Fica rondando esta cidade morta
A última sombra esquiva da saudade.

(1936)

CADEIA VELHA DE IGUASSU

A margem do caminho abandonado,
Sob a luz do crepúsculo dormente,
A cadeia se abisma, tristemente,
Nos escombros sinistros do passado.

Sobem-lhe os paredões, de um a outro lado,
Cipós senis, num esplendor nascente!
E como um braço negro, aberto em frente,
Vela férreo portão, em cruz talhado.

Em volta, tudo jaz, trágico e exausto.
Visão soturna de um antigo fausto,
A cadeia se estorce em ruínaria.

Nessa agonia atroz, que punge e assombra,
Parece concentrada em sua sombra,
Mancha dos crimes que encobriu um dia.

(1936)

C A N T I G A D O V E I O D Á G U A

(A Maria Felícia Alassio Solari de Gamboa)

Minha vida, ó veio dágua,
Não pára de caminhar...
Corre sempre para a mágua
Como você para o mar.

Veio dágua, lá, na mata,
Canta a dor de frágua em frágua.
Ocultando quem me mata,
Também, canto, ó veio dágua.

Nosso destino se iguala,
Veio dágua da floresta,
Da ânsia que nos apunhala
Fazemos canção de festa.

Peço, apenas, veio dágua,
Para a sorte não mudar,
Que eu cante, sempre, na mágua
Como você frente ao mar!

ORAÇÃO DO POETA DO SÉCULO XX

Se eu ainda pudesse crer, Senhor,
E, humilde, prosternar-me aos vossos pés,
Fa-lo-ia com maior fervor
Que os vossos próprios fiéis!
Se eu pudesse, Senhor,
Sufocar meu orgulho feroz,
Dir-vos-ia, de joelhos, a meia voz,
Esta oração
Arrancada do mais profundo do meu coração:

Senhor, Deus de piedade infinita,
Descei o vosso olhar sobre a terra alanceada
E calai essa raça maldita
Que nasceu para o amor
E tem a alma cansada
E proscrita,
E o coração roído de amargor!

Tende piedade, Senhor, Deus,
Dêsses míseros, de almas tão mansas,
Que lembram, muitas vêzes, o Filho dos Judeus.
Olhai, êles são bons e francos como as crianças,
E guardam, nessa expressão de melancolia,
Tôda a pureza da luz do dia,
E, em suas palavras, dansa uma eterna quimera,
Alegre como um beijo ou a própria primavera!

Este século, Senhor, é um século egoísta
Que não pode compreender as ânsias de um artista!
Esmagai, pois, sob os vossos pés santificados
Os Poetas — êsses deuses destronados,
E, nunca mais, Senhor, seja possível
Pulsar dentro de um peito um coração sensível!
Esse crepúsculo fatal da Beleza a que assisto,
Vós, também, o deveis sentir, Senhor Deus de Jesus

[Cristo!]

O verso se apagou na rudeza do instinto
E a palavra de amor, hoje, amarga como absinto.
Senhor! Senhor! mostrai, um instante, o vosso rosto,
Êle deve, igualmente, sofrer êste desgôsto...
O homem perdeu a fé, a mulher tôda a ternura,
E o beijo mais ingênuo sabe a desventura!

Eu vos peço, Senhor, com o olhar em pranto,
Não por minha Mãe e irmãs que amo tanto,
Nem por mim, a quem nada mais seduz
E chega a ver no riso a sombra de uma cruz!
Caio de joelhos, Senhor, e clamo
Por êsses que ainda sabem dizer, sem pêjo — Eu amo!
Êsses que vão, cegos de idealismo,
E, sabendo que morrem, buscam uma flor no abismo;

Êsses que, sendo pobres, com uma palavra ou um gesto
[de mão,
Transformam a realidade na luz de uma ilusão;
Êsses que são capazes de cair, de bruços,
E chorar por um inseto os mais tristes soluços;
Êsses que ainda ficam, um crepúsculo inteiro,
Ouvindo, extasiados, a música de um ribeiro;
Êsses que, apedrejados e coroados de espinhos,
Vão tornando em rosas as asperezas dos caminhos;
Êsses que sabem, num mesmo gesto rosicler,
Escrever um poema e beijar uns lábios de mulher;
Êsses que, embora conhecendo o seu destino tristonho,
Trazem, sempre, à flor do olhar, a alegria de um sonho!

Rógo-vos, Senhor, por êsses que carregam sôbre os ombros
A dor de vinte séculos em escombros,
Mas que, ainda, cantam, de alma sentida,
A beleza do amor e a glória da vida.

OBRAS DE JOSÉ JAMBO DA COSTA

A PUBLICAR

FOLCLORE :

- 1 — Amores do Folclore Com a Medicina (A sair na Espanha)
- 2 — Alma Bárbara e Lírica do Meu Povo
- 3 — O Que Come e Bebe o Povo Fluminense
- 4 — Assim Cantam e Brincam as Crianças Fluminenses
- 5 — Como Reza o Povo Fluminense
- 6 — Contos Populares do Estado do Rio
E outras do mesmo gênero.

FILIOLOGIA :

- 1 — Vida e Morte das Palavras
- 2 — O Linguajar Fluminense, no Brasil e Além-Fronteiras
- 3 — Formas e Reformas de Grafia (A sair no Uruguai)
- 4 — Revisão da Gramática
E vários trabalhos menores.

HISTÓRIA :

- 1 — História de uma cidade (Nova Iguassú nos séculos XVIII, XIX e XX).
Em colaboração c/ A. Pimenta de Moraes.
- 2 — Sangue Virgem da América

POESIA :

- 1 — Canções Desesperadas
- 2 — A Ronda dos Sete Anões
- 3 — Irmão Lobo, Bebe Em Minhas Veias (Poesia social dos campos)
- 4 — Pastorais
- 5 — Poemas de Conservatória
- 6 — Cantigas de Escárneo e de Maldizer (Sátiras)
- 7 — Vagabundo da Noite e do Mar
- E outros.

TEATRO :

- 1 — O Grito da Terra (Drama em 3 atos)

TRADUÇÕES :

- 1 — Antología Brasiliense de Poetas Colombianos
- 2 — Rimas Completas, de Bécquer
- 3 — Cancioneiro dos Meus Poetas

MEDICINA :

- 1 — Das Bases e Valor da Terapêutica Amerícola

JOSÉ JAMBO DA COSTA

Por MARÍA FELICIA A. SOLARI DE GAMBOA

Entre la brillante pleyade de jovens poetas brasileños, destácase con perfiles netos, JOSÉ JAMBO DA COSTA. En el conjunto de poesías que tengo a mano — rutilante constelación en el cielo literario americano — hay motivos diversos, que demuestran que el poeta posee un temperamento dúctil, que le permite pasar de lo objetivo a lo subjetivo, con una facilidad extraordinaria. Pocas veces la lengua dulcísima de Olavo Bilac alcanza acentos más hondos y expresiones más bellas que con José Jambo da Costa.

Hay tonalidades áureas en sus poemas magníficos, y reflejos maravillosos cual de las gemas que encierra su tierra de milagro.

Soles tropicales, lunas de hechizo, rumor de agua, ha aprisionado el poeta — cual un mago — en la fina urdimbre de sus versos. Gráciles éstos, flexibles, han nacido naturalmente, sin esfuerzo, cual las flores en el campo.

Aunque hay variedad de temas, priman en él los motivos del amor. Oigámosle en

“O QUE NÃO COMPREENDERÁS”

.....
“Ele será para mim eternamente como um lírio
Florido num vaso branco de cristal”.

¡Magnífico! No puede haber imagen más bella que la encerrada en estos versos cristalinos; ni puede haber más delicadeza que la que de ellos rezuma.

“Amanhã”, posee una comunicativa tristeza. Muchas veces su poesía está tocada de honda melancolía.

“Nosso Mundo” es preciosa en su brevedad. Retrata en sólo cuatro versos el espíritu del poeta, que se desprende de todo el vano oropel del mundo, y sólo quiere el amor, oro de ley:

*“Para nós dois, Amor, tão pouco basta!
Apenas uma casa de sapê,
Uma roseira, a noite azul e vasta...
E, nesse mundo humilde, Eu e Você”.*

“Poema de Nossas Horas” es música celeste, idealidad que eleva hasta las estrellas, el querer de la tierra. Es por eso que dice:

“Bebo o amor na hóstia branca do teu beijo!”

y más adelante, estos versos admirables, seda, perfume y sueño:

*“Vivemos o ideal de dois românticos:
Amas-me e eu te amo quase com loucura,
E o nosso mundo está nessa ventura
Eterna como o Cântico dos Cânticos!”*

Tan bello es el poema que nos ocupa, que casi estamos tentados de transcribirlo todo; y es con verdadera pena que no lo hacemos, por no alargar demasiado este breve comentario.

Tan grande es el amor que, cuando el invierno llegue, su frío no tocará el corazón; por eso el poeta nos dice en versos preciosos:

*“Serão leves as rugas de meu rosto,
E que lindos os teus cabelos brancos!”*

Este poema es, no cabe duda, un de los mejor cincelados, de los que en brillante y apretado haz se encuentra en nuestras manos.

“Carinho Triste”, tocado de honda melancolía, tiene un encanto particular. Oigámosle:

*“Aquele carinho triste,
Essência de flor ou luar,
Aquele carinho triste
Devia morrer no meio
Para não te profanar!”*

“Cantiga da Agua”, versos sonoros y frescos, llenos de una difícil sencillez. ¡Con qué los escribió el poeta, que son música, frescor, perfume y seda? Una honda filosofía se mezcla a ellos, y por eso dice:

*“Nosso destino se iguala,
Veio dágua da floresta,
Da ânsia que nos apunhala
Fazemos canção de festa!”*

“Mãe”. Poema precioso, compendio de amor purísimo que nos moja los ojos, versos que duelen hondo a los que perdimos ya en la tierra a la “Pastora de esperanzas” (¡Oh qué imagen tan bella!).

“Ansia de Liberdade”. Retrata, magníficamente, el estado animico del poeta que quiere, en suprema liberación, salir de si mismo, ;vano intento!

“Sêde... Sêde”. Poesía realmente extraordinaria, de una velemencia pocas veces igualada; de una gran fuerza de expresión y de sonoridad magnífica. Fuerza, juventud y fuego aunados en sus estrofas.

“Elogio da Vida”. No se sabe qué admirar más en ella: si el

soplo de inspiración profunda que la anima, o la forma cautivante
conque dice:

.....
"Bendita seja a vida
Pelas dores e alegrias!
Pela rama que pende para a estrada, reflorida,
Pelos espinhos que nos tornam cautelosos,
Pelas manhãs que rompem como um grito profundo,
E os rios fajscantes e caudalosos,
E as lágrimas dos maus e os risos dos bons neste mundo!"

¡Espléndido! Todo es claro, puro, exento de ese soplo modernista
y demoledor, tan en boga en la literatura contemporanea.

El poeta gusta de las formas clásicas. En copa de líneas purísimas,
nos sirve los zumos más delicados. ¡He aquí un grande y verdadero
poeta!

"Alegria de Viver". Es otra de sus poesías mas hermosas. Nada
puede superar a estos versos:

"Florecem minhas mãos com as giestas
No milagre triunfal das primaveras!"

Y más adelante:

"Febre estranha agita-me o sangue forte!
Falo, deliro, imploro, estendo os braços...
E nessa angústia corro — para a vida ou para a morte?"

Todo es puro, natural, sin afectación; caben en su poesía todos los
matices, como en un rayo de luz blanca, todos los colores.

"Campesina". También es preciosa y "Raiz Selvagem" es música
entre las frondas:

.....
"Ser simples, vestir grossos tecidos,
Ser como a própria terra que eu pisar!"

Y más adelante, estos versos magníficos:

"Nunca pensar em gozos, sempre falazes...
Antes ver que a vida ainda consiste
Num ramo florido de lilases,
Num vôo de inseto, num dia de chuva que persiste..."

¡Bienvenido el Poeta que trae sus manos colmadas de tan ricos
dones!

"Minha Primavera". Es también brillante de primera agua.

¡Cuánta poesía, cuánto color, en esos catorce versos! Toda la pri-
mavera vive en ellos con sus flores, sus aromas, sus latidos...

"Seiva Nova", "Impossível" y "Escravo da Terra", son también
gemas magníficas, centellantes.

¿Por qué el poeta no ha reunido sus poemas en un libro?

Hacemos votos porque en breve lo haga, para contrarrestar con su
poesía pura, la corriente de pseudo poesía conque amenaza atosigarnos
tanto poeta de nuestros días.

Paysandú (Uruguay), 1.º de Noviembre de 1948.

MARÍA FELICIA ALASSIO SOLARI DE GAMBOA
(Ilustre professora uruguaya, de conceituada família
de notáveis artistas, poetisa e prosadora pertencente
à "Sociedad de Hombres de Letras del Uruguay").

JOSÉ JAMBO DA COSTA NA AMÉRICA

Altísimo poeta y noble amigo:

La poesía no ha muerto ni morirá jamás, pues es la más genuina expresión de la esperanza. El concepto, exacto en todas partes, es evidente en estos países de América, nacidos para la justicia y para la libertad. Las numerosas cuan bellas composiciones sueltas que Ud. ha tenido la gentileza de enviarme, confirman plenamente mi aseveración. Leo y releo esos versos tuyos, y exclamo: he aquí un poeta!

Sus composiciones tienen principalmente dos méritos, a cual de ellos mayor: la música que encierran y el sentimiento que las anima, bondades rarísimas en la poesía hoy dominante, tan falta de rima como de ideas, y a las veces, hasta de sentido común. Hay quienes se empeñan en hacer de ella un simple juego de palabras. Ud. deliberadamente ha querido huir de tan grave error.

La generalidad de sus composiciones son modelares por su técnica, su dicción correcta, su hondo sentimiento y su noble inspiración. Para lograrlo no ha tenido Ud. necesidad de frases rimbombantes, ni de metáforas inverosímiles, ni de despampanantes imágenes, ni de paparruchas de sentido esotérico. Brotaron, como notas de un arpa eólica, como gorjeos sensuales del Trópico, del fondo de su alma, del examen de la naturaleza y de su personal e íntima emoción. Es que el artista, cuando lo es de verdad, que es su caso, suele encontrar vida y fuentes de sensibilidad allí donde los demás no advierten nada, y el poeta asunto para sus versos, donde los otros no ven más que la materia inerte.

.....

Yo no admito en Ud. la existencia de dos personalidades diferentes: una llena de vida y esperanza: la que evoca la "Alegria de amar", y

la otra nacida bajo el signo de la fatalidad y del infortunio, conforme a la filosofía que emerge del "Evangelio de Satán". Advierto en ello sólo dos estados de espíritu. El poeta, a impulsos de la ilusión, sueña con mundos de ventura y belleza infinitas que inflaman su estro y lo conducen a las cimas en que luce sus resplandores el eterno ideal. Y el mismo poeta, azotado por el vendaval de la desdicha, plega las alas de que la naturaleza lo dotó, bien así como nave que detiene su marcha cuando cesa repentinamente el viento que feliz la conducía. A mérito de esta consideración, yo suprimiría de una plumada casi todas las amargas palabras que preceden al "Evangelio de Satán", no suyo, para conservar únicamente la verdad impersonal que lo informa y que Ud., fundadamente, resume así: "Cada uno que procure en la vida la razón de estos poemas..."

¿Que a cual de esas dos modalidades hago objeto de mis personales preferencias?, me preguntará Ud. Y sin dudar respondo: a aquella que canta el amor bajo todas sus formas, a aquella que cautiva mis sentimientos, a aquella que proclama la fuerza y el encanto de la juventud y la alegría de vivir.

¿Modelos? Los hay a raudales en sus trabajos. He aquí algunos:

De terneza de amor:

*"Mas, por que essa alegria e tôda essa ternura?
Porque és moça e bela e eu te amo com loucura!"*

De arrobadora ingenuidad filial:

*"— Foi Ele que levou mamãe, um dia?
Eu não gosto mais dele..." a criança diz
E adormece chorando. O luar subia."*

De conformidad con los rigores de la suerte:

*"Para nós dois, Amor, tão pouco basta!
Apênas uma casa de sapê,
Uma roseira, a noite azul e vasta...
E, nesse mundo humilde, Eu e Você."*

De emocionante amor filial:

*"Um dia, num domingo fumarento,
Morreste. Não quis crer na tua morte,
Era fundo demais meu sofrimento.
Cumpriu-se do destino a negra sorte.
Mas, se, hoje, indago ainda: quem morreu?
Não sei, meu Pai, não sei se Tu ou Eu."*

De la dolorosa experiencia:

*"Se me dás a bôca, quero-te toda,
Se te tenho toda, não te quero mais."*

De encantadora poesía:

*"As moças dirão logo: — "E' o meu Poeta!"
E seguirão, num riso satisfeito
Talvez gozando uma ilusão secreta.*

*Mas ninguém diz com esse amor tão teu,
Apertando-os, febril, de encontro o peito:
— Estes versos foi Ele que escreveu!"*

De esperanza radiante:

*"Que importa? O nosso amor zomba da sorte,
Pois, sendo estreito o círculo da vida,
Ele ha-de ter um novo céu na morte!"*

Quien escribe versos así, delicados, espirituales, magníficos — y de ellos están llenos los originales en mi poder — tiene desde luego un puesto asegurado entre los más egregios poetas y ocupa un sitio destacado entre los amantes del ideal. Yo lo siento así, y como lo siento lo expreso, pensando que quien, feliz ó infelizmente, posee tan extraor-

dinarias dotes intelectuales y poéticas, no tiene por qué desesperar ni por qué preocuparse del materialismo ambiente, abiertas como están para él de par en par las puertas de lo porvenir.

.....

Cuénteme Ud., pues, en el número de sus entusiastas admiradores, y reciba, junto con mis protestas de admiración y gratitud, los votos que quedo formulando de corazón por sus nuevos triunfos.

Montevideo, 10 de setiembre de 1945.

Amigo devotísimo

CARLOS MARTÍNEZ VIGIL

(Dr. Carlos Martínez Vigil, companheiro de Rodó e Victor Pérez Petit, prosador e poeta, filólogo, jornalista, jurista, foi vice-presidente da "Academia Nac. de Letras" do Uruguay e presidente da "Sociedad de Hombres de Letras del Uruguay").

Í N D I C E

	Págs.
Dedicatória	5
Elégio da Vida	7
Minha Alegria	11
Imortal	13
Momento Absoluto	15
Convite ao Amor	17
Ternura	19
Noturno do Amor e do Mar	21
Contraste	23
Rosa-Espinho	25
Rosa-Lágrima	27
Noturno para me Esquecerem	29
Fatal	31
Oferenda	33
Carinho Triste	35
Da Vida para a Vida	37
Pastoral n.º 1	39
Pastoral n.º 5	41
Pastoral n.º 30	43
Eu e a Água	45
Campesina	47
Festa Tropical	49
Do "Evangelho de Satã"	51
Incompreensível	55
Canção da Vida	63
Canção 14	65
Canção das Rosas	67
Noturno do Mar	69
Ao Destino	71

	Págs.
Noturno da Voz Perdida	73
A Revelação do Espelho	75
Canção Mareira	77
A Horrenda Visão	79
Meu Punhal	81
Desespéro	83
Noturno do Condor Perdiço	85
A Outra Metade	87
Noturno da Espera Fatal	89
Claro de Luna	91
As Lágrimas da Morta	93
Cosbo de Luto	95
Noturno da Morta	97
Noturno 24	99
A Sábia Resposta de meu Pai	101
Mãos Sagradas	103
Perdão, meu Pai	105
O Grito na Noite	107
Legenda Noturna	109
O Enterrro	111
História Amarga	113
Elegia do Poeta Provinciano	115
Velha Crônica de Nova Iguassu	119
Ruínas de Iguassu	125
Cemitério de Iguassu	127
Cadeia Velha de Iguassu	129
Cantiga do Veio Dágua	131
Oração do Poeta do Século XX	133
Obras de José Jambo da Costa	137

APRECIACÕES:

Maria Felicia A. Solari de Gamboa	139
Carlos Martinez Vigil	144